

ASSIGNATURAS:

Portugal: anno, 600; semestre, 300 reis.

Brazil: anno, 1800 reis, moeda forte.

Africa: anno, 800 reis.

Pagamento adiantado

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE THOMAR N.º 3

Coimbra

Editor - Elyseu da Silva

Correio do Vouga

QUINZENARIO INDEPENDENTE

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

PUBLICAÇÕES:

Anuncios, por cada linha, 10 reis.

(Imposto de selo, por cada um, 12 reis.)

Comunicados, cada linha, 20 reis.

Para os srs. assignantes
25 p. c. de abatimento.Anunciam-se gratuitamente todas as
publicações litterarias com que
este jornal for honrado.

COIMBRA

Typ. Democratica

COMICIOS

Indubitavelmente, está na ideosyncrasia do povo português, pacifico por excellencia, esta maneira toda rhetorica de protestar—o comicio. Na verdade, n'um povo indolente e messianista, que adormeceu para a revolta, explica-se perfeitamente este appello para o comicio; é um modo suave de aplacar os gritos da nossa consciencia, quando ella nos brada mais alto a nossa covardia e criminosa indifferença perante extorsões de toda a ordem, perante o desrespeito continuo e systematico dos nossos mais sagrados e legitimos direitos!

E' que assim, este povo avaro de sangue consegue iludir-se, imagina-se revolucionario, sente-se com forças de derrubar thronos; na effervescencia do momento, as palavras indignadas dos oradores e as apostrophes foimidaveis contra o governo e os seus servidores, atiradas calorosamente aos ouvidos attentos d'uma multidão excitada, conseguem despertar velhos sentimentos de cólera e o impeto da revolta rugem em todos os corações generosos.

Mas depois, na debandada geral, sob o ar fresco das ruas, todo aquelle enthusiasmo passa; e na memoria d'aquella gente, que corrêra pressurosa a ouvir as palavras de justiça dos «amigos do povo», não fica mais que a lembrança grata d'um espectáculo commovente e sensacional, gosado gratuitamente,—o que constitue, para a pelintrice nacional, um dos prazeres mais disputados.

O que, no emtanto, mais nos indigna nos comicios não é precisamente aquelle apparatus conselheiral de phrases buriladas e vasias, ditas com calor e intenção por individuos que querem fazer figura e que, no final, se cumprimentam muito cordealmente; é o admiravel atrevimento com que esses homens se apresentam a discutir assumptos que ignoram absolutamente.

Não é pura phantasia esta nossa affirmacão, como vamos provar.

No comicio realiado ha dias em Coimbra contra as propostas da fazenda, um dos oradores, cujo nome não importa, confessou, n'um delicioso rasgo de sinceridade, que não sabia o que essas propostas vinham a ser! Pois, apesar d'isso, elle veio ali—ó santa incoherência!—lavar energicamente o seu protesto contra um acto do governo que não conhecia e, portanto,

não podia apreciar;—e todo o seu discurso foi vibrante, caloroso, continuamente cortado por quentes applausos!

De maneira que não se realisava o fim capital do comicio, que seria fazer comprehender nitidamente ás massas populares, por uma exposição clara e simples, toda a monstruosa expoliação que a recente medida governativa representa.

Assim o comicio, que poderia ser um poderoso elemento de educação, torna-se um simples pretexto para longos discursos cheios de rhetorica, de diatribes e invectivas, quasi sempre eivados d'uma feição accentuada de partidarismo.

PALESTRANDO

Estavamos resolvidos a não continuar a «amavel palestra» com o nosso collega *Vitalidade* por entendermos que o que dissemos no ultimo numero mostra claramente a nossa situação no meio d'essa politica de mesquinhos interesses individuaes, que tantos órgãos da imprensa perfiliam e advogam.

A nossa independencia não concorrerá para o levantamento da patria, cujos interesses devem ser sempre e exclusivamente o mobil da politica, mas consolamos a convicção de que não é o nosso partidarismo que ha-de agravar a sua ruina.

A affirmacão peremptoria, feita no ultimo numero, de que não somos regeneradores, nem progressistas, nem franquistas, nem republicanos,—o que facto algum pôde contradictar,—desobriga-nos de tornar a este assumpto. Mas a *Vitalidade* não nos quer entender, pelo que resolvemos dar-lhe mais dois dedos de palestra, unica e simplesmente para aclarar um ponto sobre que tanto tem insistido.

De tudo o que tem escripto a nosso respeito transparece a duvida constante de que nós encobertamente perfilhamos a politica do sr. Homem de Mello. Essa duvida affirma-se muito claramente nas ultimas palavras do seu artigo, em que nos faz a insinuação de que o que escrevemos foi inspirado por aquelle cavalheiro.

Para desfazer essa duvida e repellir essas insinuações, bastanos dizer que só duas vezes, e muito ligeiramente, nos referimos ao sr. Dr. Homem de Mello.

O nosso procedimento tem sido este, quando é certo que temos tido motivos justificadis-

simos para falar muito largamente de s. ex.ª, para o elogiar, para fazer até réclame á sua politica, porque ninguem pôde negar que nos ultimos tempos tem sido o sr. Dr. Homem de Mello quem mais se tem interessado por Eixo. E a nós, que nós propozemos defender os interesses d'esta terra, impõe-se-nos o dever de sermos gratos áquelles que se esforçam e sacrificam por ella.

Podemos dizer que a respeito do sr. Dr. Homem de Mello não temos cumprido o nosso dever, sendo preciso que a *Vitalidade* nos apresentasse as suas duvidas para nos occuparmos com alguma demora de s. ex.ª.

Tem a *Vitalidade* factos em que funde as suas duvidas? Não tem, podemos affirmá-lo. Mas se tem, apresente-os.

Villa d'Eixo

II

Vamos fazer, agora, algumas ligeiras annotações aos numeros da informação do Padre João Corrêa da Costa, em 1758.

1 e 2 — As terras do antigo concelho d'Eixo pertenceram no sec. XI á poderosa familia dos Souza, *conites* do Marnel, um dos maiores potentados feudaes, que houve neste paiz até ao reinado de D. Diniz; passaram depois ás mãos dos condes de Barcellos e Casa de Bragança, da forma que, para não ir mais longe, pode ver-se no artigo do sr. Marques Gomes — *O Almojarifado d'Eixo* — publicado no 1.º n.º d'esta folha.

A generalidade do terreno do concelho pertencia, pois, á Casa de Bragança, á qual os povos pagavam certos foros ou foragens e ração ou quota de fructos, desde 4.º até 9.º, conforme a natureza dos casaes, bem como um *terrãdego* ou *landemio* egual á percentagem da ração.

A par, todavia, com ella existiam allí outros senhorios directos, como eram a Ordem de Malta que, com os seus bens, aqui constituiu uma commenda; os conventos de Grijó, Pedroso, S. Pedro de Rates, Lervão, Macceiradão, de Jesus de Aveiro, Santo Thirso (representado no senhorio util pelo Visconde de Villa Nova do Souto d'El-rei, Arouca, de cujas terras o senhorio util andava na casa do Barão de Beduido; Santa Cruz de Coimbra e a Universidade sua successora, o dominio util de cujas terras andava na familia dos Pereiras Perestrellos e ultimamente do desembargador Alexandre Barboza; etc.

A Casa de Bragança tinha em Eixo a sede d'um almojarifado, especie de repartição de fazenda e recebedoria, a que pertenciam tambem os concelhos de Ois da Ribeira, Paus e Villarinho do Bairro. O almojarife estava encarregado da administração e cobrança das rendas das suas terras e o proprio juiz de fora, a que logo nos referiremos, tambem intendia nisto, intitulado-se *juiz dos direitos reaes da serenissima Casa e Estado de Bragança*. Comumente costumavam porém os direitos andar arrendados. Em 1756 trazia o contractador Apollinario Nunes de Figueiredo arrendadas os redditos do almojarifado por 3:458\$000 reis.

As rendas que a Casa de Bragança recebia de todo o almojarifado montavam nos ultimos annos, segundo Pinho Leal (*Portugal Antigo e Moderno*, vb.º Eixo) a 11:500\$000 reis.

Ficavam junto da igreja actual os dois bons celloiros em que se recolhiam os foros, censos e pensões: um maior, que até 1832 era destinado aos cereaes, e outro mais pequeno, arruinado ha muito. No sitio d'este ficava antigamente a casa de residencia do almojarife, cuja descripção, segundo Pinho Leal, vem no liv. 1.º do *Tombo Novo* da mesma Casa de Bragança, pag. 65 e 66 e no *Tombo Velho*, onde se lhe chama *paços do Estado*, a pag. 65.

— Quanto á collocacão da villa de Eixo na prov. da Beira, não tem valor algum tal indicacão. Depois da dynastia affonsina, não tornou a haver valor social entre nós a divisão em provincias, que só pode ainda admitir-se como noção de geographia phisica. Mesmo neste ponto de vista as arrumações e limites não se tem feito a criterio.

No tempo de D. Manuel (1516) o concelho de Eixo era attribuido á *Extremadura* pelo fozal; no tempo de Duarte Nunes de Leão (1598) á *Beira*; no do Padre Carvalho (1706) á *Beira Baixa*; um decreto de 1833 e outro de julho de 1836 punham-no na *Beira Alta* (!); os decretos, finalmente, de 1835 e 1837 dão-no á provincia do *Douro* (!!!) como hoje se faz ainda.

Mas não vale a pena rir.

— Ecclesiasticamente, a freguesia de Eixo, pertence desde os mais remotos tempos, anteriormente seculos mesmo á fundação da monarchia, ao bispado de Coimbra, ao qual deixou de estar ligada apenas entre abril de 1774 e abril de 1876, du-

rante o tempo em que existio o antigo bispado de Aveiro.

— O prior de Eixo foi inexacto quando affirmou que esta villa pertencia á comarca de Esgueira. Estava encravada no seu territorio, é verdade, mas, desde o sec. XVI pelo menos, até 1834 pertenceu á comarca, correição e ouvidoria de Barcellos, no Minho.

Anomalias da organisação politica no velho regimen. A razão de tão disparatada divisão territorial, em que estavam tambem inclusos os outros concelhos do almojarifado, era terem estas terras pertencido aos condes de Barcellos, tronco da Casa de Bragança.

Eixo era sede de um julgado ordinario da comarca sobredita, com a mesma estensão do almojarifado e com 2 juizes — o da *villa* e o do *termo*.

Em 1780 occupavam respectivamente estes cargos o bacharel Eusebio Custodio das Neves e Manuel Marques do Poço. O 1.º d'estes foi igualmente tabellião do publico judicial e notas na villa, sargento mór das ordenanças e capitão de uma das companhias da capitania mór de Eixo.

Desde o principio do ultimo quartel do sec. XVIII até 1834 Eixo teve juiz de fóra, sendo dos seus ultimos magistrados o Dr. José Joaquim Homem, liberal convicto e um dos filiados da loja maçonica dos *Santos Martyres* em Aveiro, que occupava o lugar em 1823.

O decreto constitucional de 7 de agosto de 1835 fez do concelho de Eixo um julgado da comarca de Aveiro com 1486 fogos.

Este julgado foi modificado pelo decreto de 20 de outubro de 1841 e composto das freguezias de Eixo, Requeixo, Eirrol, Fermentellos e Nariz com 1964 fogos (segundo o censo de 1838).

Assim permaneceu até o decreto de 23 de dezembro de 1875, que fez de Requeixo sede do julgado a que Eixo ficou pertencendo.

— Eixo foi igualmente centro de uma capitania mór de ordenanças, de que era commandante em 1823 Francisco Rodrigues de Figueiredo. Compunha-se de varias companhias, formadas na villa e nos outros concelhos do julgado. Esta capitania mór dava, segundo o censo de 1798 uns 139 recrutas em 2477 fogos.

3 — Diz o prior Costa que contava a freguezia de Eixo, em 1758, 750 fogos. Deve levar-se em conta que nesta epocha lhe

partencia e pertenceu até ao decreto de 2 de maio de 1849 toda a população da actual parochia da Oliveirinha.

A esta freguezia de Eixo dá o Padre Carvalho em 1706 apenas 480 fogos, o que nos parece inferior á verdade, a não ser que se refira só á população da villa. Porquanto a estatística de 1732, que traz Caetano de Lima, lhe dá 712 fogos e 2337 almas de sacramento; o *Portugal Sacro e Profano*, em 1757, aponta 750 fogos; o censo de 1798, publicado por Cornide, consigna 809 fogos; o numeramento de 1833, na *Taboa Geographica* do Flaviense, apura 2890 almas de sacramento; o censo de 1838 que consta do mappa appenso ao decreto de 5 de março de 1842, dá-lhe 882 fogos; finalmente em 1847, segundo o *Diccionario Geographico* de Perestrello (vol. I, p. 94) tinha 2900 almas de sacramento.

Nesta data (1849) separaram-se, como dissemos, os territorios que constituem hoje as duas freguezias distinctas de Oliveirinha e Eixo.

A estatística de 1850 e tal, que traz o *Diccionario Geographico* de Avelino de Almeida, posterior pouco tempo á separação, dá 408 fogos a Eixo e 508 á Oliveirinha. A estatística parochial de 1860 dá a Eixo 379 fogos e 1512 almas; a estatística civil de 1864 dá-lhe 423 fogos e 1663 almas; uma outra de 1873, que traz Pinho Leal, nota 435 fogos e 1317 almas; o censo official de 1878 exara 410 fogos e 1525 almas; o de 1890 menciona 432 fogos e 1545 almas; finalmente o ultimo censo, de 1900, apresenta o numero de 2574 almas.

Estas ultimas 5 estatísticas são, com a de Caetano de Lima e a de Cornide, as que merecem mais confiança.

Mas lá nós parece muito augmento, para dez annos só, a differença de 971 almas entre 1890 e 1900!

Em 1890 havia na freguezia de Eixo 732 varões e 813 fêmeas; em 1900 havia 1069 varões e 1505 fêmeas.

Os **analfabetos** — *tristis est* — eram naquella anno apenas... 1176 em 1545 almas! Homens 459 e 717 mulheres, para quem nunca raiou o benefico sol da instrucção mais simples!

(Continúa. Th. Ramires.

Pela imprensa

O nosso collega *Progresso d'Aveiro* transcreveu n'um dos seus ultimos numeros parte do nosso artigo «A verdade», dirigindo-nos algumas palavras de justiça, que agradecemos, porque as julgamos sinceras.

Tambem agradecemos a transcrição que fez da local, em que nos referimos á falta de balanças na estação telegraphica d'esta localidade, e as palavras que escreveu a este respeito.

—Passou ha dias o anniversario dos nossos collegas *Vitalidade* e *Foral de Vagos*, que felicitamos.

CORREIO DO VOUGA

Por ter fechado durante alguns dias a typographia onde é impresso este jornal, não nos foi possível publicarlo no dia proprio, pelo que pedimos desculpa aos nossos prezados assignantes.

«SONETOS»

DE

Candido Guerreiro

Bem sei que um livro como este, que representa no nosso meio litterario uma excepção, e de tal ordem, que a sua leitura provoca, pela aproximação dos temas artisticos e pela maneira de os tratar, a lembrança da obra capital de Anthero, — merece a analyse demorada e subtil da sua essencia, a explicação superior da sua genése e referencias entusiasticas á sua forma, feitos com aquella *sympathia critica* de que falla Guyau; mas outros o farão.

Eu quero dizer as minhas impressões do Poeta e da Obra rapidamente, desconexadamente, como ellas me vieram ao espirito.

Candido Guerreiro é um rapaz de rosto fino e secco de meridional. Conheço-o de barbas pretas, á Christo. Os olhos vivissimos e negros, n'uma mobilidade constante, dão-nos a sensação d'alguem, que busca alguma cousa, aqui, alli, anciosamente, — alguma cousa differente do que se conversa, d'aquillo cujo commentario elle monopolisa numa absorvencia despótica das nossas personalidades.

Esses olhos traem immediatamente a agitação febril do seu espirito, embrenhado na especulação das ideias, e illuminam e realçam os traços physiognomicos, accentuados, sobrios, nitidamente desenhados no seu typo classico de arabe.

Não se lhe nota, ao vê-lo, a fixidez do olhar, a contracção violenta e nervosa dos musculos da face, que dão um certo ar de concentração espirital e denunciam á primeira vista os poetas psychologos decadentes. E esta divergencia no aspecto physico explica, a meu vêr, a differença intellectual e litteraria; e por isso ninguem o vê a desentulhar amorosamente, como áquelles, a sensação rara, o traço exótico, da profusão irritadora da banalidade; e por isso ainda os seus assumptos não têm a marca doentia da moda francesa.

Elle não é de nenhum modo um poeta subtil e precioso, cultor da forma pela forma, o poeta dos iniciados do refinamento artistico, dos factos da vida, de todo o mundo dos *blasés*, incoherente, inutil, profundamente immoral e dissolvente, não! a sua poesia é alguma cousa de mais vasto e nobre.

A natureza, a arte, a philosophia methaphysica e social — toda a sciencia, toda a natureza — deixam no seu espirito sensações numerosas e multiformes. As suas faculdades, depois, n'uma actividade excepcional e enorme, apartam, aproximam, dissolvem, concentram e fundem esses elementos variados; e nos momentos de recolhimento animico — cortada a communicacão do mundo externo — inicia-se a maravilhosa crystallisação poetica: a Allegoria começa a delinear-se e fluctua esparsa sobre os phenomenos, — e ás vezes, n'uma atmospheria mais alta, o Symbolo surge luminoso e preciso, resumindo modalidades no traço caracteristico, dominante, eterno.

E o Symbolo — condensação na unidade artistica da phenomenalidade desagregada e dispersa — é o fim supremo da arte, a criação a que ella deve ardentemente aspirar para cumprir a missão superiormente social, que lhe é destinada, como forma do pensamento humano. Se assim não fóra, a arte não passava d'um divertimento agradável e futil, sem direito ao cultivo apaixonado e sincero de espiritos superiores.

Ora, lendo os «Sonetos» de Candido Guerreiro, parece-me que elle vê e sente symbolicamente a realidade das cousas, sendo por isso d'uma alta lição philosophica; porque, embora frequentemente elle evoque o seu sentir pessoal, poucas vezes cahe no auto-psychismo descriptivo propriamente dito, que a arte deve banir, quando não traduza sentimentos geraes d'uma raça, d'um povo, d'uma epocha ou mesmo d'um grupo.

Ainda assim não se pense que elle é, em arte um *impassivel*, como queria Flaubert e como foi Leconte

de Lisle; o seu temperamento artistico e moral, sente-se bem, destaca-se bem, atravessando a sua obra de lado a lado para passar desapercibido ou mesmo confundir-se.

A confusão principalmente não é facil que se dê n'um meio litterario como o nosso, onde os poetas philosophos são tão raros, que, pôde dizer-se, temos um unico: Anthero.

Mas differenças existem, e a meu vêr profundas, entre estes dois artistas.

No espirito de Anthero parece que um espelho enorme reflectia a agitação confusa da humanidade nas luctas titanicas dos cerebros, n'um seculo em que todos pensavam.

A imagem incoherente e vastissima fixava-se a corroer como um reagente pela impossibilidade individual d'uma solução razoavel, d'uma apprehensão philosophica de conjunto. De resto, isto traduziu-se nas opiniões e na acção pela dôr moral, pelo negro pessimismo.

Assim, os versos de Anthero muitas vezes são nebulosos e inquietos, talvez incoherentes, como o espirito immenso que os gerou e que, na propria vastidão, tinha a condição da sua impotencia artistica — versos doutrinalmente transitorios como os principios philosophicos que os animam, mas preciosos como documento ethnico de potencia cerebral.

Anthero não podia alar-se serenamente ás regiões da metaphysica com mero interesse intellectivo; procurava a decifração do mysterio, como correspondendo a uma necessidade do sentimento. A impetuosidade d'este perturbava a razão e ambos se agitavam n'um esforço immenso, unanime, quasi enraivecido, reclamando o auxilio de ceus e terra.

Foi d'esta grande agitação emotiva que nascêram os melhores sonetos de Anthero, tão profundos como o drama grêgo; d'ella nasce tambem a grande superioridade poetica sobre Candido Guerreiro.

Este não vê, nem sente confusamente, tão amplamente; ao contrario tem outra maneira psychica; como puro meridional, localisa, precisa a visão dos factos, philosophando methodicamente sobre grupos destacados e condensando depois em poemas distinctos o seu sentir artistico.

Assim, elle tem sonetos, onde — puro especulador methaphysico — chega a conclusões precisas, que pelo menos, o satisfazem a elle. Tem outros, em que resolve a questão social n'um arrojado extraordinario de visão.

Leia-se o soneto em que a Fome é a grande constructora do futuro da familia humana, varrendo para isso, n'uma formidavel e tragica rajada de destruição a sua conformação psychica actual.

E' como um grande baptismo creador de novas formas animicas — novos sentimentos novos instinctos — com as quaes a humanidade iniciará finalmente a idade de oiro, que vive nas lendas e nas almas dos visionarios.

Esse pequenino poema é para mim o embrião da maior epopeia, que ainda foi escripta; e se, social e objectivamente, parece um paradoxo, no dominio espirital, como criação imaginativa, derivada da observação dos movimentos evolutivos da psychologia humana, é a affirmacão d'uma alta intellectualidade, d'um grande poder de visão.

Descendo depois das altas preocupações, elle conserva em primôres de forma os seus impressionismos de paisagem, as recordações anedoticas do seu passado, porque tambem é um poeta da saudade, o que parece incrível.

Leiam-se os sonetos de inspiração algarvia, vibrantes e leves como o ar limpido das suas patrias montanhas, cantando em sonoridades apprendidas ás aguas dos pequenos rios do Algarve, firmando-se-nos no espirito com a graciosidade firme e sobria das palmeiras africanas.

Dos grandes movimentos da alma, Candido Guerreiro quasi só conhece o Amôr. O Odio, a Raiva, a Cólera, tão faceis nos temperamentos fortes,

não apparecem senão accidentalmente, como recursos de estylo.

Mas, em compensação, o Amôr passa por methamorphoses estranhas. Assim apparece-nos como uma idealisação suave do instincto exclusivista e feroz da reproducção.

Mais adiante é essa flôr divina e vulgar do sentimento estiolada na cultura doentia das almas. Depois é o heroe á volta do qual elle tece allegorias primorosas como o soneto da pag. 24, onde o Amôr é o «chefe da caravana das paixões».

A paginas 26 o Amôr personifica-se symbolicamente «obreiro infatigavel da cathedral do Sonho»:

Poema de granito rendilhado,
Epopeia de gothicos lavôres.

Mais adiante ainda, a pag. 30, o Amôr affirma-se na realidade do espirito, dominando o mysterio da existencia, radiando em «triumphante primavera» sobre os desalentos humanos.

Mostra-se-nos ainda puro sentimento do poeta, radiação pantheista abraçando a natureza n'uma ternura commovida, vaga, fraternal. Tece ainda, n'um desvio atavico para o mysticismo, louvôres á Virgem Maria, cujo «altar é a unica realidade.»

Finalmente o Amôr, n'uma melancholica e profunda abstracção das contingencias, é a anthithese da morte, affirmacão unica e duradoura na realidade da consciencia, da grande vida.

Eu não posso talvez achar aqui uma evolução de perfectibilidade na ideação esthetica; mas, na propria incoherencia, nas diferentes concepções em que se objectiva essa necessidade tão nobre, tão profunda, tão social, da vida humana, eu encontro grandes motivos de admiração por este poeta que traduz todas as almas na variedade infinita de temperamentos, com as suas contradicções, mysterios e nebulosidades.

Fallando propriamente do lado formal da obra, eu admiro a sabia roupagem de que elle reveste, conforme os casos, as suas creações.

E' tanto mais sobrio quanto mais alta é a ideia dominante do poema, dando uma impressão de impassibilidade, de frio interesse; mas, quando contempla a natureza, a emoção arrasta-o, e no entusiasmo accorda a imagem metaphorica revelando, espiritualizando as formas brutas e vulgares, antropomorphisando tudo n'uma constante affirmacão do attributo humano:

«Oh, montanha, oh montanha escura e
(brava!»

Estrophe de vulcanico poema,
Gesto petreficado da suprême
E primitiva dôr da Terra escrava!»

E' um dos sonetos mais bellos do livro.

Em muitos outros resalta esse processo esthetico primitivo, mas sempre de efeitos seguros. Com elle consegue Candido Guerreiro uma verdadeira obra prima no soneto de pag. 11 que começa:

«Pelo claustro da abobada infinita
— Da cathedral de Deus exigua nave, —
Silenciosa, macerada e grave,
Caminha a Noite, a triste carmelita ...»

As ideias e as imagens estão tão bem ligadas, destacando solememente no fundo allegorico, que a visão grandiosa grava-se-nos no espirito n'uma extrema precisão d'identidade; nos tercetos a pergunta inquieta e profunda lança-nos no mysterio insondavel, — é a pergunta das almas olhando o firmamento.

Eu podia ainda apontar muitos pedaços d'um verdadeiro poeta, testemunho flagrante dos seus recursos d'artista, mas não quero; isto vae longo.

Tenho fallado d'um livro que parece o livro definitivo d'um poeta, o fecho synthetico e luminoso d'uma obra dispersa; mas não o é certamente.

Os sentimentos simplificaram-se, as ideias precisaram-se na fusão harmoniosa e correcta da forma; mas através de todo elle passa profundamente o fecho da sua individualidade, e não sei quê, que caracteriza e destaca os espiritos fortemente

accentuados, e nol-os fáz adivinhar na simples maneira de associar pensamentos e revestir ideias; e é precisamente isso que não se define, — mas que n'este poeta é a alta symbolisação dos aspectos e das abstracções — que me faz acreditar que elle não fechou a sua obra.

Coimbra.

MARIO DE VASCONCELLOS.

Noticiario

Desastre. — No dia 13, na occasião em que Rosa Zacharias de Jesus e Julia Dias dos Santos tiravam areia d'uma barreira, esta desabou, ficando a primeira quasi completamente soterrada.

Aos gritos de Julia, que apenas soffreu algumas contusões no braço direito, acudiu ao local muita gente, conseguindo-se salvar a pobre rapariga.

Nomeação. — Substituindo o sr. Avelino Dias de Figueiredo, foi nomeado juiz de paz n'esta freguezia o sr. Antonio Simões da Silva.

Semana Santa. — Realisa-se aqui, este anno, a festividade da semana santa, que decerto revestirá a pompa dos annos anteriores. Assiste a philharmonia de Fermentellos.

A proposito occorre-nos lembrar á junta de parochia a necessidade de caiar a igreja interiormente, o que já se não faz ha seis annos.

Fallecimento. — Contando apenas 22 annos, falleceu no dia 9 a sr.^a Clementina Marques de Pinho, que desde o carnaval se encontrava doente.

O seu funeral, que se realisou no dia seguinte pelo meio dia, foi muito concorrido.

A toda a familia, e especialmente ao nosso amigo e irmão da finada sr. Manuel Marques Ferreira, as nossas sinceras condolencias.

Casa da escola. — A camara municipal d'Aveiro resolveu n'uma das suas ultimas sessões officiar á junta de parochia d'esta freguezia, pedindo que seja reparada immediatamente a escola do sexo masculino, sob pena de serem interrompidos os trabalhos escolares.

Pelas livrarias

Da livraria editora Viuva Tavares Cardoso recebemos «A dama de Ribadavia», do conhecido escriptor Manoel da Silva Gaio.

Esta activa e arrojada empreza que capricha em editar das melhores obras da moderna litteratura portugueza, está prestando relevantes serviços ás lettras patrias com a publicação de livros como o «Ambrosio das Mercês», do moço mas brilhante escriptor Annibal Soares, que foi um successo ruidoso de livraria, e, recentemente, o romance realista «O reino dos Céus», de H. Lopes de Mendonça.

Agradecemos penhoradamente a offerta do livro de Manoel Gaio e a elle nos referiremos; com a demora que merece, n'um dos proximos numeros d'este jornal.

A acreditada livraria Moraes, de Lisboa, enviou-nos os seus catalogos e juntamente um romance de J. Mary «Rogerio Larocque», que nos apresentamos a agradecer.

Nos catalogos d'esta casa onde vemos descriptas importantes obras de direito, litteratura, arte, sciencias, etc., encontrarão os amadores de bons livros, as obras de que precisam, em boas condições de preço. N'um catalogo, só de romances, que a mesma casa nos enviou, tivemos egualmente occasião de notar que os preços são excessivamente reduzidos. O proprietario d'esta casa pede-nos para fazermos saber aos amadores de livros que remetterá catalogos a quem os requisitar.

Rectificação

A proposito d'uma carta d'um nosso amigo e assignante, que publicámos no ultimo numero, escreve-nos o sr. Avelino Dias de Figueiredo o seguinte:

Sr. Redactor: — Permitta-me que venha rectificar uma carta publicada no ultimo numero do seu jornal, na qual se enumeram os melhoramentos d'esta freguezia para que eu tenho concorrido.

Em favor da verdade, devo declarar que a valla dos Arrujos e o subsidio de 600:000 reis, que esta freguezia recebeu, se devem ao Exm. Conselheiro Francisco de Castro Matoso. Da mesma maneira, a estação telegrapho-postal deve-se aos esforços do sr. deputado Dr. Homem de Mello, sempre incansavel em defender os interesses dos povos que representa. A mim e ao sr. João Nunes de Carvalho e Silva Junior unicamente poderiam agradecer o lembrarmos áquelle cavalheiro a promessa que nos havia feito.

Pela inserção d'estas linhas me confesso muito obrigado.

De V. etc.

AVELINO DIAS DE FIGUEIREDO

Noticias pessoases

Tem passado incommodada a sr.ª D. Maria Saldanha, esposa do sr. João Martins de Pinho. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

—Encontra-se nesta villa o nosso prezado amigo sr. Callisto Saldanha.

—Completo 6 annos no dia 15 o interessante filhinho do nosso illustre amigo sr. capitão Jayme Afreixo. Os nossos parabens.

—Deu á luz uma galante criança do sexo feminino a esposa do nosso amigo sr. José Barbosa de Magalhães.

—Passou ha dias o anniversario natalicio da menina Anna de Carvalho, gentil filha do nosso amigo sr. José Antonio de Carvalho. As nossas felicitações.

—Está quasi restabelecido, o que muito estimamos, o nosso amigo sr. Angelino Marques Craveiro.

Correspondencias

Lisboa, 13—3—904

Revestiu-se d'um brilhantismo inexcédível a cerimonia da benção da bandeira que sua magestade el-rei offereceu á companhia d'alunos da Escola do Exercito.

—E' aqui esperada amanhã uma grande commissão de commerciantes portuenses, que vem entregar á camara dos pares uma representação contra as ultimas medidas da fazenda. Para serem evitadas manifestações de desagrado n'esse dia, estão as autoridades com ordens do governo para não consentirem ajuntamentos populares em qualquer ponto da cidade, e sobre tudo no largo das côrtes.

E' assim, á força de sabre, que os ministros impedem que o povo proteste contra a má administração dos recursos do estado e contra a má gerencia dos seus interesses.

Pobre povo, que nem queixar-se pôde livremente!

—A' cerca da mobilisação das nossas tropas, correm os mais descontraídos boatos, que não são mais do que hypotheses formuladas em presença de innumerables telegrammas cifrados, que os ministros da guerra e da marinha teem trocado com as altas autoridades militares.

Para nós é ponto de fé que anda coisa no ar, e que a actividade com que se manufacturam os equipamentos e se preparam as armas e alojamentos para tropas é uma syntomia segura d'uma breve passagem do pé de paz ao pé de guerra.

—No dia 11 foi victima d'um desastre que lhe custou a vida o sr. Carlos Gothchalk, que era representante em Lisboa d'uma casa electricista de Berlim. Este desditoso cavalheiro com tanta infelicidade tentou subir para um comboio em andamento, que se estatelou de forma a ficar

com as pernas decepadas pelas rodas d'um wagon. Expirou, quando no banco do hospital de D. João se lhe prestavam os socorros medicos.

Ao irmão d'este chorado moço, que consideramos um verdadeiro amigo, enviamos do coração a expressão do nosso sentimento de dôr por tão nefasto acontecimento.

—A grande associação academica reuniu hoje n'uma das salas do Atheneu Commercial, tendo-se procedido á apresentação dos novos delegados, e passando-se seguidamente ao proseguimento dos trabalhos sociaes.

J. O. S.

Porto, 3

E' sempre apressadamente que dou cumprimento ao meu dever de correspondente d'este brilhante quinzenario. Desejava rendilhar as minhas pobres correspondencias n'uma rhetorica, amena e suggestiva, mas o tempo escasseia-me, cahindo assim involuntariamente no desagrado dos meus presados leitores.

—Já está detido um francez de nome Gaston Spira, que arditosamente conseguiu subtrahir da bibliotheca do paço de Mafra 4 antiquissimos e voliosissimos livros. D'esta vez é louvavel o serviço da policia que conseguiu que essas raras obras não fossem passar ao estrangeiro como muitas outras.

—Realisa-se amanhã mais um comicio para protestar contra as propostas da fazenda. N'elle tomarão parte todos os partidos excepto o governante. D'esta maneira ficam desfeitos os boatos arditos que attribuem aos partidos avançados os protestos contra mais este indicio da nossa decadencia.

—Está causando grande sensação a vinda a esta cidade do arrojado cyclista francez Mr. Eugenio Durrien que vem precedido de grande fama no seu assombroso trabalho «La fleche humaine.»

—Está gravemente enfermo no Hospital de Santo Antonio um pobre liutreiro que foi victima das prepotencias do fisco. Um guarda fiscal em serviço na Areosa, na supposição de que elle fosse contrabandista, disparou-lhe um tiro, deixando-o em miseravel estado. Está-se a proceder a uma syndicancia para que o guarda receba a recompensa que merece.

—Foi ha dias encontrado a boiar, no nosso rio Douro, junto á lingueta de Massarellos, o cadaver d'uma rapariga ainda nova, em completo estado de nudez, e em decomposição bastante adiantada. Até hoje ainda não foi reconhecida a sua identidade, fazendo presumir que ha já qualquer coisa mysteriosa a envolver isto tudo.

—Consta-me que o Grupo Dramatico Commercial Portuense irá brevemente a Aveiro dar um espectáculo no Theatro Aveirense.

—Tambem por estes dias partirá para a mesma cidade, o Grupo Boa-Esperança, que promoverá um attraente espectáculo no dito theatro.

E por hoje nada mais.

Felix Pereira

Covões, 5

Meus caros leitores:

Apesar de um pouco incommodado, vou contar-vos um caso sensacional, suggestivo, digno da maxima attenção.

No logar do Montouro, d'esta freguezia, havia um homem conhecido por João Catróxo, almocreve.

No mez passado, foi á serra vender um carro de berbigões. Como o dia estivesse frigidissimo, bebeu aguardente, a ponto de cair na estrada. Trouxeram-no para casa, e, passados dias, deu-lhe um ataque que o prostrou.

Como o julgassem morto, chamou-se a toda a pressa um sobrinho, barbeiro, para o escanhoar. No meio da operação, o pseudo-morto levantou-se, abraça o sobrinho, que fica horrorisado.

Dias depois, o barbeiro andava apprehensivo, não podia dormir, assaltado de visões nocturnas. N'uma noite, affirmava á mulher ter visto um gato preto no quintal; alta noite, levanta-se allucinado, de cobertores

ás costas, e caminha em direcção á capella do logar.

Pelo caminho ia gritando em altas vozes, pondo em sobresalto toda a gente, que immediatamente o começou a seguir. Affirmava estarem duas almas perdidas, a d'elle e a do tio.

Tendo aberto a capella, e entrado todos, ordena-lhes que se dispam.

A principio houve reluctancia, mas, dominados pela sua voz imperiosa e cava, cederam.

Realisara-se a suggestão; explica-lhes que, para libertar as duas almas das penas do inferno, era preciso penitenciarem-se.

Em seguida, organisa uma procissão, levando elle a imagem da santa á frente, seguindo atraz todo o povo. Marchavam em direcção á igreja dos Covões, quando um sensato (!) lhes salta á frente com um cacete, dispersando-os e obrigando-os a voltar ao logarejo.

E assim terminou um d'estes casos notaveis, de auto-suggestão collectiva, que poucas vezes a imprensa registará n'estes tempos frios e secos, em que o maravilhoso não abunda.

A. S. DA CRUZ JUNIOR.

Ouca, 13

O bom tempo veio animar o nosso povo, não só porque deu logar a que continuassem os trabalhos do campo, favorecendo a classe trabalhadora, mas tambem porque veio tornar transitaveis as ruas e estradas limitrophes para onde o nosso governo nunca fez convergir os seus olhares.

Bem sabemos que o dinheiro não pode chegar para tudo, mas pode gastar-se mais utilmente, contemplando povos, que só ao seu trabalho devem o que teem.

Ouca merece melhoramentos, já porque é a terra do concelho de Vagos, que mais contribuições paga, já porque, se não é na actualidade, foi, sem duvida, nos tempos idos, a localidade mais importante do mesmo concelho sob o ponto de vista politico, pois chegou a possuir dezesseis dos quarenta maiores contribuintes, o que pesava bastante na balança politica quando se procedia á eleição do Procurador Geral da Junta do Districto.

A reforma das leis prohibiu-nos d'essa lucta politica e por isso collocou-nos no esquecimento e ao mesmo tempo no nivel das mais insignificantes aldeias.

Na qualidade de cidadão no uso dos seus direitos politicos, desejariamos a lucta, pela mesma razão que um soldado, que se considera digno das insignias militares abandona e despreza o socego e goso da caserna para ir ao campo da batalha restaurar a sua patria ou, pelo menos, melhor o seu estado.

Venha pois uma lucta politica, pois que só assim conseguiremos demonstrar com orgulho que ainda não

desappareceu de todo a importancia politica, que outr'ora teve esta localidade e que nos foi legada por José Nunes d'Oliveira, dr. Manuel d'Almeida e Silva, e outros que a morte nos roubou. Veremos então se esta terra consegue alguns melhoramentos, entre os quaes, uma escola para o sexo feminino, aqui muito necessaria.

—Partiu já para o Brazil o nosso presadissimo amigo José Fernandes Velludo, levando em sua companhia alguns rapazes d'aqui, que vão na doce esperanza de lá melhor adquirirem os meios para satisfazerem ás exigencias da vida.

—Registamos com muito prazer o restabelecimento do filhinho do sr. José d'Almeida Barreto, a quem damos, por isso, um cordeal aperto de mão.

LUCRECIO

Costa de Vallado, 12

Foram assistir á recita dos quintanistas de direito, que teve logar no dia 2 de março, em Coimbra, os srs. M. Santos Costa, pharmaceutico, a convite do Exm. Sr. Dr. José Rodrigues Sobreiro, da Costa de Vallade; Dr. Abilio Gonçalves Marques, distincto medico municipal no concelho de Aveiro, João d'Almeida Vidal, professor primario da Oliveirinha, Manoel Marques Janvelho, abastado proprietario d'Eixo, Manuel Dias, fiscal dos impostos no concelho d'Ilhavo, por convite do Exm. Sr. Dr. Arnaldo Vidal.

Segundo nos informam, os excursionistas tiveram uma noite bem passada e um acolhimento penhorante da parte d'aquelles distinctos academicos; e nem mesmo era de esperar outra coisa tanto do Exm. Dr. Sobreiro, muito intelligente e applicado, um perfeito cavalleiro em toda a extensão da palavra, como do Exm. Dr. Arnaldo Vidal.

A proposito d'este distincto academico, publicando o retrato, escreve o «Diario» de 9 do corrente:

«Arnaldo Vidal. Sendo um distincto em todos os annos do seu curso, conciliou essa sua posição intellectual com o desempenho de um papel de «gavoche» na recita de quarta feira — tão flagrante, tão cheio de vivacidade de «sans-cullote» que a plateia em chamadas especiaes frizou o exito obtido.

Arnaldo Vidal é um novo ainda o que faz pôr ainda mais em relevo a sua vivaz intelligencia, cheio de brilho e mocidade.»

Associamo-nos á justa homenagem prestada pelo «Diario» ao nosso estimado amigo.

CORRESPONDENTE

Troviscal (O, do Bairro) 13.

Já se acham presos os meliantes que roubaram o sr. Manuel Filipe, do Troviscal, na noite de 4 para 5 de fevereiro, como o «Correio do Vouga» noticiou.

Pormenorizando:

O sr. Manuel Filipe foi avisado, bastantes dias depois do roubo, por um compadre que tem em Aguada, que tinham passado por alli uns sujeitos a quem tinha comprado um gabão por 2:500 reis que valia mais do dobro, e que levavam diversos outros objectos que pretendiam vender.

O sr. Adriano Filipe, filho do roubado, foi a Aguada ver o gabão reconhecendo-o ter sido d'elle.

Pedindo depois explicações ácerca dos discipulos de José do Telhado foi, indicado pelo compadre do pae, por aquellas terras fora, perguntando pelos caras honradas que o comprador do gabão lhe tinha desenhado, até que chegou á Mealhada no dia 28 de fevereiro, dia de feira, sem nada ter descoberto.

Passando ahi o dia da feira a ver se descobria algum figurão com a roupa d'elle vestida ou tentando vender algum dos artigos roubados, nada viu.

Resolveu demorar-se mais alguns dias a ver se era mais feliz nas suas diligencias, até que, na sexta-feira, 4 de março, triste por não apanhar os larapios, resolveu voltar p'ra sua casa.

Vinha a Alpanhão, já a caminho de casa, quando proximo a uma taberna, um pouco distante da povoação, lembrou-se de ir comprar cigarros, e ao entrar, reparando em dois que lá estavam sentados, viu que um tinha vestido um fato d'elle. Sabiu, foi chamar immediatamente cabos de policia para prenderem os homens, e uma vez presos foram conduzidos á cadeia de Anadia, onde o sujeito que trazia vestido o fato do sr. Adriano o tirou, por ordem superior, ficando só em roupas brancas.

Estava um frio de rachar pedras!...

Depois voltando o sr. Adriano de Anadia a Alpanhão, com ordem administrativa, foi passado uma busca á taberna, sendo encontrados uns laços de seda dentro dum pote de azeite, um gabão dentro duma panella de fêrro com couves por cima e atraz d'um armario colchas e cobertores, pelo que foram presos os taberneiros e conduzidos a Anadia, d'onde, juntos com os outros, foram removidos para a cadeia de Oliveira do Bairro, para interrogações, e d'aqui, segundo nos consta, partem para Penacova a responderem por proesas do mesmo genero, de que são auctores.

Dê-se o castigo a quem o merece.

ALBERTO PEREIRA

TRINDADE COELHO

IN ILLO TEMPORE

SCENAS DA VIDA DE COIMBA

Estudantes, lentes e futricas

1 vol. illustrado de mais de 400 pag.

PREÇO 800 RS. PELO CORREIO 870 RS.

XXVI

Na lyra, onde cantei amor profano,
agora cantar Amor Divino,
De novo encordada, e com mais tino,
Ao som da sacra voz do desengano.

Se um dia — com ella — falso engano
Dei louvores ao louco desatino,
Hoje o idolo conheço vil, malino,
Que em moço me causou acerbo damno.

Se o dom que me foi dado da Poesia,
Pelo Supremo Auctor da Natureza,
Eu não soube empregar como devia,

Hoje d'esse cantar muito me peza!...
Hoje, em hymnos aos ceus com melodia
Vou do Eterno louvar toda a grandeza.

XXIII

Gemendo chama a rola o bem que espera,
Saltando pelos ramos da floresta:
Ah! Marília, meu bem! aprende d'esta
Terna amante avezinha a ser sincera.

Vê como a triste o coração lacera
Co'a saudade cruel; vê quam funesta
Sua magua não é; pois só lhe resta
A voz da solidão, que a dôr altera.

Se tu, sentindo assim a ausencia dura,
Pelo meu coração chamando anciosa,
Desses provas tambem de igual ternura;

Se tu fosses, sem ver-me, tão maviosa,
Se a tua alma tivesses assim candura,
A minha solidão fóra ditosa.

Collegio Mondego
 COIMBRA
Curso commercial
 1.º anno
 Portuguez, Arithmetica, Fran-
 cez e Calligraphia.
 2.º anno
 Portuguez, Contabilidade com-
 mercial, Francez-pratico, Geogra-
 phia Commercial e Inglez.
 3.º anno
 Escripuração commercial, In-
 glez-pratico, Allemão, Cambios e
 Desenho.
 4.º anno
 Escripuração commercial, Al-
 leirão-pratico, Cambios, Historia
 Commercial, comparação de me-
 thodos de escripuração e Calligra-
 phia.
Curso para adultos, (6 mezes)
 Comparação dos systemas, Con-
 tabilidade commercial, Cambios,
 Escripuração por partidas dobra-
 das e Balanços.
Instrução primaria
Instrução secundaria, cur-
 so geral e complementar.
Cursos de explicação das
 classes.
 (Professores estrangeiros para
 o ensino de linguas.)
 O director,
Diamantino Diniz Ferreira.

NOVA MERCEARIA
 DE
Sebastião G. de Magalhães
 EIXO
 Neste bem montado estabele-
 cimento vendem-se todos os artigos
 de mercearia, vinhos finos, fazen-
 das, etc.

ADUBOS CHIMICOS
ALÍPIO DOS SANTOS ORDENS
 antanho — Covões
 Grande deposito de adubos, da
 Companhia UNIAO FABRIL, sem du-
 vida os que tem dado mais resultado
 em todas as culturas.
 Grande desconto a prompto paga-
 mento. Condução a casa dos fre-
 guezes, para o que tem um serviço
 bem montado.
 Vende tambem roloes por ataca-
 do e a retalho por preços convidati-
 vos.

Aos amadores dramaticos
 Acaba de sair do prelo um ma-
 gnifico **Cathalogo theatral** desi-
 gando titulos, generos, actos, numeros
 e personagens (homens e senhoras),
 e preços de todas as comedias, dra-
 mas, operetas, duetos, monologos,
 cançonetas, etc., que se tem publicado
 hoje. Envia-se *gratis* pelo correio, a
 quem o requisitar á Livraria Edito-
 ra de Arnaldo Bordalio, rua da Vi-
 toria, 1.º, boa.

Solicitador encartado
José Nunes de Carvalho e Silva
 EIXO

Ourivesaria e Relojaria
 DE
A. E. Souto Ratolla & Irmão
 Rua de Entre-Pontes
 AVEIRO

Nesta casa encontrará o publico
 um lindo e fino sortido de objectos
 d'ouro e prata, bem como relojos de
 todos as qualidades e preços.
 Relojos d'algebra em ouro, pra-
 ta, aço, nickel, de parede, de meza,
 despertadores, com musica ou cuco
 tanto nacionaes como estrangeiros.
 Executam-se todos os concertos
 com a maxima perfeição e barateza.
 Douram, prateiam e oxidam qual-
 quer objecto com perfeição.
 Lunetas, oculos, binoculos, e ac-
 cessorios para os mesmos.

Triumph Triumph
TRINDADE & FILHOS
 Rua Direita — Aveiro
 Bicycletes, motoeycletes e au-
 tomoveis dos melhores fabricantes
 inglezes e francezes. Accessorios
 de todas as marcas.
 Officina para concertos. Es-
 maltagem e nickellagem.
 Alugam-se bicyclettes.

Triumph Triumph
Grande novidade americana!
 Machinas de costura a **3\$700**
réis.
 Vende-as Manuel Maria Ama-
 dor, d'Alquerubim.

Machinas de costura
PPAFF E WHITE
M. M. C. Bastos & C.ª (Successores)
 279 — Rua do Mouzinho da Silveira — 3.ª
 PORTO

Todos devem preferir estas
 machinas, porque são as mais per-
 feitas e duradoras tanto pelo es-
 mero do seu acabamento como pela
 excellencia da materia prima nellas
 empregada e pela simplicidade e
 solidez do seu fabrico.

Marcha absolutamente silen-
 ciosa. Ultimo aperfeicoamento.
 Rolamento sobre espheras que ga-
 rantem o seu funcionamento sem-
 pre equal. Especialidade em ma-
 chinas para sapateiros.

Agencias em todo o paiz.
 Agente em Aveiro, José Vida Ale-
 gre; em S. Bernardo, Manuel Can-
 nha Junior; agente geral no con-
 celho d'Anadia, José Maria Si-
 mões

LIVROS ESCOLARES

**Calligraphias das Esco-
 las Primarias** superiormente
 approvados, em 5 cadernetas, por
 Angelo Vidal — 30 reis cada numero.
Cartilha Portuguesa (me-
 thodo de leitura) por Antonio Justino
 Ferreira — Preço, 90 reis.
**Medicamentos de Scien-
 ças Naturaes** pelo Dr. Julio Car-
 doso. Preço, 200 reis.
Grammatica Portuguesa,
 por Augusto de Vasconcellos. Preço,
 140 reis.

Grammatica intuitiva,
 por A. Bastos Pinto, sub-inspector de
 Vizeu — Preço, 200 reis.

**Eleições e parlamentos
 na Europa**, por Henrique Baptis-
 ta, capitão d'infanteria. Preço, 1200
 reis.

Perfis Suaves, por Julio Bran-
 dão. Preço, 700 reis.

Contos das Creancas, por
 M.ª Figueirinhas. Preço 300 reis.

Jesus e pan, por Teixeira
 de Pascoaes. Preço 400 reis.
 Grande deposito de livros de ensino
 relijiosos, material escolar, etc.

Livraria editora de José Figueirinhas
 75, Rua das Oliveiras, 77 — Porto.

M. Saldanha & C.ª
R. Augusta, 100, 1.ª Lisboa
 Comissões e exportação.
 Encarregam-se da compra e
 venda de productos nacionaes e
 estrangeiros, etc.
 Endereço teleg. — EIXO,

CASA FELIZ
 26 — RUA DO INFANTE D. AUGUSTO — 26
 COIMBRA
 Elyseu da Silva (Fernandes Vaz), participa aos seus estima-
 ves freguezes, que abriu o seu estabelecimento com loterias, taba
 co
 objectos de escriptorio, jornaes, publicações, etc.
 Espera, por isso, dos seus dignissimos freguezes a fineza de o
 auxiliarem, visitando o seu estabelecimento, pelo que desde já se
 confessa muito grato.

Elyseu da Silva,
(Fernandes Vaz)

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA
 Esta officina, que dispõe de material
 de primeira ordem, e onde se imprimem
 os jornaes: *O Ensino, Correio do Vouga,*
Justiça e A Verdade, e as revistas: *O Por-
 tual Chauffeur e Os Novos,* — encarrega-
 se de executar todos os trabalhos typo-
 graphicos, por mais difficeis e delicados que
 sejam.
 Ha material para a impressão de bor-
 dados e desenhos.
 BILHETES DE VISITE ARCO D'ALMEDINA
 Desde 300 reis o cento COIMBRA

SONECOS
 de
Candido Guerreiro

*Em primorosa edição, com o retrato do auctor e
 capa illustrada.*

Preço, 500 reis
 A' venda nas livrarias e na redacção de
O ENSINO — Coimbra

Elementos de Gymnastica
 CONTENDO
A ESCOLA DO SOLDADO SEM ARMA
 Para uso das escolas de habilitação para o magisterio, normaes e
 de instrução primaria, em harmonia com o decreto
 n.º 8 de 24 de dezembro de 1904

Edição do jornal pedagogico O ENSINO
 A' venda na redacção do mesmo jornal e na livraria França
 Amado.

TOMÁS DA FONSECA
OS GRANDES MALES
 I
O TABACO
 PREÇO, 100 REIS
 Do mesmo autor
AS CADEIAS
 (POESIA)
 PREÇO, 100 REIS
 Vendem-se nas livrarias

OS MEUS AMORES
 (CONTOS)
 POR
Trindade Coelho
 3.ª edição augmentada em
 mais do dobro
 1 vol. de luxo de 423 pag. e com um
 esplendido retrato do auctor em
 agua forte.
 Preço, 500 réis — Pelo correio 570
 réis.
 (Este livro foi traduzido em Hes-
 panha e na França).



POESIAS DIVERSAS 27

XXIV
O CÃO E O GATO
(Apologo)
 Um gato com um cão tanto se amavam
 Que em uma mesma cama ambos dormiam,
 N'um prato, sem ralar, ambos comiam,
 E pelas ruas ambos passavam.
 Muitas vezes ao sol lédos brincavam,
 E mil vezes brincando se feriam;
 Ora por bem risonhos se mordiam,
 Ora por mal raivosos se arranhavam.
 D'esta sorte gosavam seus amores,
 Umaz vezes em paz, outras ralhados,
 Mas findando de recessa os seus furores.
 Isto mesmo succede aos namorados:
 Tão depressa se amam ralhadores,
 Como depressa estão desamados.

XXV
 Onde vos lançarai, ó venenosas
 Cinzas malditas de infernaes escriptos,
 Que não broteis cruéis, monstros malditos,
 Cruas harpias, serpes rigorosas!
 Se vos lançar nas ondas salitrosas,
 Os peixes todos ficarão sopitos;
 Se vos lançar ao vento, em duros gritos
 Rebentarão as nuvens tenebrosas.
 Se espalhar-vos quizer na secca terra,
 Fareis reproduzir feras peores
 Que as que vivem na adusta Libia em guerra.
 Tornae ao vosso centro, ó vis penhores
 De Alcida; ao coração tornae, que encerra
 Venenosos dragões, monstros traidores.